

O HERALDO

Director, proprietario e administrador

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Redacção, administração, composição e impressão

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

SITUAÇÃO DISPARÇADA

Ha doidos maus e monomaniacos astuciosos, que sabem empregar muito bem o disfarce, para conseguirem seus fins. E' o que acontece tambem com alguns dos politicos atacados da monomania do poder.

Todas as epocas teem seus homens que as representam. Telles Jordão personifica admiravelmente o reinado miguelino, Fernandes Thomaz, a revolução de 1820, Mousinho da Silveira o constitucionalismo de 1834, Passos Manoel a Revolução de Setembro, Costa Cabral a politica de odios e de vinganças que se ergue contra esta Revolução; Rodrigo da Fonseca e Fontes personificam a Regeneração, e o sr. João Franco o nervosismo politico, que ha tempos a esta parte reaparece entre nós, e atacou certos espiritos fracos e de curtas vistas.

Pretendem esses loucos, ou desequilibrados, saciar seus maus instintos com medidas violentas e perseguidoras. Não vêem diante de si mais do que odios e rancores. São os fanaticos politicos dos principios e meado do seculo findo, que resurgem entre nós!

Foi no momento da crise mais aguda d'esse nervosismo politico, que a figura do senhor João Franco começou a salientar-se. Immediatamente apparece inquieto, bulichoso e refractario á boa disciplina partidaria, lançando a desordem e a perturbação no meio do partido regenerador, em que se havia filiado. Principiou a andar nervoso e mal humorado. Era já o cego desejo de mando e poder que lhe fervia no cerebro. Lembrou-se de empolgar a chefatura do partido ao senhor Hintze Ribeiro, para o que empregou a intriga e outros meios de descredito contra aquelle estadista. Não socegava um só momento n'essa ardua tarefa, que veio espalhar a sisanía no seio do partido regenerador.

Pensando em restaurar as velhas e extinctas situações violentas, começou a pregar a necessidade de aquelle partido entrar em *vida nova*! Primeiro embreste d'este monomaniaco do poder.

Conhecido pelas suas idéas tresloucadas, pelas suas naturaes levandades, pelo seu temperamento belioso, e, finalmente, pela sua pouca capacidade como um homem de Estado, o senhor João Franco, não obteve adeptos no partido regenerador. Separou-se d'elle, e com os loucos que o acompanham quiz formar um grupo politico novo. Deu-lhe a hypocrita e falsa denominação de regenerador liberal, para enganar o paiz e occultar com ella o seu verdadeiro pensamento politico.

Querendo restaurar a politica cabralina, pretende cobrir-se com a bandeira da Regeneração, que deribou em 1850, aquella politica de odiosa memoria! Diz se liberal; e em seu pensamento só fervilham idéas liberticidas!

Abandonado pelos regeneradores e não tendo sympathias no paiz, este ambicioso e monomaniaco do poder alliou-se com os progressistas, para subir á custa e com o apoio d'elles!

Achando-se forte com esse importante auxilio, voltou-se para a coroa, e quiz intimidar a com a questão dos adeantamentos á casa real.

Foi o golpe mais certo que tem dado em toda a sua carreira politica. Para o calar entregaram-lhe o poder juntamente com os

progressistas, em presença da concentração liberal. Serviram de pretexto os acutilamentos do Rocio. O partido regenerador foi demittido por causa d'esses acontecimentos.

O senhor João Franco conseguiu os seus sonhos dourados, vendo-se guindado no mais alto do poder, sem ter apoio na opinião publica. Era-lhe impossivel, no entanto, entrar francamente na politica de odios e de violentas repressões, estando aliado com os progressistas e com pessoas sensatas, que viam os perigos de Portugal seguir n'esse caminho, de que se havia afastado havia 50 annos.

Ao senhor João Franco e ao seu grupo politico não convinha, de modo algum, o ministerio filho da concentração liberal.

Urgia formar uma situação accentuadamente franquista, ou cabralina. Era facil conseguir isso, estando o senhor João Franco na presidencia do ministerio, e tendo já a confiança da coroa.

Este politico monomaniaco do poder e astucioso provocou a desejada crise ministerial. A maioria dos seus collegas demittiu-se, para não tomarem a responsabilidade das suas travessuras e desatinos.

Dissolveu-se a concentração liberal, e o senhor João Franco realçou o seu ideal, formando uma situação só d'elle, depois de dar um pontapé nos progressistas, de cujo apoio já não precisava. Esperava manter-se no poder só com o apoio da coroa e do exercito.

E' coisa bem digna de se notar: este ambicioso alcançou o poder, seguindo as pisadas d'esse outro, cuja politica pretende resuscitar. Como Costa Cabral, tambem andou pelos clubs populares, defendendo os direitos do povo contra os da coroa e ás doutrinas democraticas mais extremas. Igualmente como Costa Cabral, que foi offerecer-se á rainha, para esmagar os setembristas, depois de os haver defendido com ardor, o senhor João Franco foi ao paço offerecer-se para aniquilar os republicanos, cujas sympathias d'estes pretende conquistar! Não defendeu o regicidio, mas com a questão dos adiantamentos descarregou golpe profundo sobre a coroa, que hoje está defendendo com furor!

O senhor João Franco convenceu o paço inexperiente de que era facil dar cabo dos demagogos actuaes, empregando-se os mesmos processos, que foram empregados nos meados do seculo passado contra os demagogos de então! Esquece-se, ou ignora talvez, que esses processos foram causa da queda de thronos e de dynastias.

Assim que se vio no poder só com os seus tresloucados partidarios, arvorou-se em dictador, e tem calçado aos pés todas as normas e preceitos do regimen constitucional. Rompeo com todos os partidos monarchicos e quer governar elle só a seu modo e capricho. Tal é o partido que apparece mascarado com as denominações de regenerador e de liberal!...

E' tal a cegueira do senhor João Franco, atacado de verdadeira raiua politica, que pretende ir mais longe, do que Polignac, Guizot, Narvaez e Costa Cabral! Quer governar no seculo XX sem o concurso, não só da opinião publica, como do parlamento! Reclamou o puro absolutismo, para derrotar a democracia!...

Não sendo apoiado, nem pelos regeneradores, nem pelos progressistas, que o não querem acompanhar n'uma aventura tão louca e perigosa, e tendo a certeza de que

será derrotado no campo da urna, resolveu proclamar uma dictadura ilimitada e de que não ha memoria nos annos do constitucionalismo europeu!

Ao mesmo tempo, já o senhor João Franco, e já a sua imprensa, teem a audacia de se mostrarem contrarios ao regimen parlamentar e de affirmar que hão de governar o tempo que elles muito bem quizerem!...

Na opinião d'aquelle primeiro um parlamento, *que só serve, para fazer e desfazer ministerios*, e para elevar e abater homens politicos e facções, *é um luxo caro e mau!*

O *Diario Nacional* de 15 do corrente diz que para Portugal entrar em normas do regimen constitucional, é preciso *gente nova* e com uma nova educação politica. E acrescenta «onde está ella? Onde a teem os partidos!» E' exactamente a linguagem da *Nação*, ou do partido legitimista, que tambem não considera o povo portuguez educado para o regimen constitucional que lhe deram!

Os que se mascaram com a denominação de *regeneradores liberaes* são os proprios que se confessam inimigos do systema constitucional e do regimen parlamentar!

Esses que se offerecem para nos trazerem vida nova, estão dispostos a governar, prescindindo do apoio da nação!

E enquanto manifestam assim o seu desprezo pela vontade nacional, amordaçam a imprensa, e não cessam de perseguir todos os jornaes das opposições, para que elles não denunciem seus erros e sua politica desleal e traiçoira!

Os *regeneradores liberaes* querem governar, sem que parlamento e imprensa discutam seus actos e lhes peçam contas!...

Esses mesmos homens da *vida nova* resuscitam as perseguições politicas de outras eras, tentando metter nas prisões os homens mais proeminentes dos partidos opposicionistas! Tal é o celebre processo dos 21. Finalmente não cessa de fazer protestos do seu amor da liberdade o auctor da corregedoria de Lisboa, da lei sclerada do gabinete negro, e de outras leis e medidas estranguladoras da liberdade!

Tirem a mascara, senhores franquistas; porque a sua politica já está bem a descoberto. Infelizmente se os regeneradores e progressistas não conseguem detela em sua marcha, as suas consequências serão hoje mais funestas, do que nos meados do seculo findo, em que provocou em toda a Europa tantas revoltas e revoluções e por cujo motivo cahio em completo descredito.

Tavira, outubro 907. J. A.

O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.

LAWN-TENNIS

«O grupo Tennis» de Tavira está procedendo aos preparativos de uma nova *Court* para o jogo de «Lawn-Tennis» em um magnifico recinto na Porta Nova, para o que já conta com grande numero de socios.

O mesmo grupo espera inaugurar a nova *Court* em dezembro proximo, apresentando por essa occasião alguns jogos sportivos dos mais modernos como o «Diabo», «Net ball» etc. que já se encontram eu seu poder.

Os desatinos da vereação municipal de Faro

A indifferença pela causa publica que parece ser privilegio da nossa provincia, talvez proveniente da falta geral de educação civica, quebra-se em face dos verdadeiros attentados, que a vereação do municipio de Faro está praticando na administração da cidade. As considerações pessoas, que nada prendem em materia de administração publica; os mal concebidos deveres partidarios, não serão suficientes para calar o que se está fazendo no campo da Trindade.

Não pode a critica exigir dos membros d'uma vereação a tecnologia especial e geral requerida, para por si propria, dirigir os serviços complexos, que por dever superintendem; mas o que alli se está fazendo mete-se pelos olhos dos cegos.

Aquillo não é administração de municipio, é trabalho marroquino!

O sr. vereador do pelouro de obras publicas, consentindo attentados de tal ordem, passa-se o diploma de completa ignorancia do que seja esthetica, hygiene e até os mais rudimentares principios sobre o serviço publico. Entendeu a vereação ser necessario mandar nivelar ou aterrar a rua da Trindade, que se estende em frente dos edificios do lyceu novo e da futura escola districtal.

Esta resolução, já de si, permittam os srs. vereadores, foi disparatada. Sendo o lyceu estabelecimento de grande frequencia colectiva, o bom criterio nos diria que o pavimento da rua com que defronta a sua entrada, deveria ser coberto de calçada, a que se não opporia, nem mesmo o transito de vehiculos, que por alli não é demasiado. Se a despeza com o calçamento era superior á que se fez com a cobertura de terras soltas, teria a grande vantagem da sua duração; de ter sido bem aproveitado o dinheiro do municipio e ainda de ser obra de gente civilisada e não de hotentotes. Porem o que se não concebe é que para nivelar a referida rua fosse necessario levantar o pavimento 60 a 70 centimetros, deixando enterrado o edificio do lyceu. Queremos crer que a *illustrada* vereação não comprehendeu os inconvenientes moraes e physicos que resultam da sua desavisada deliberação. Pois com a devida venia, vamos dizelhe: As janellas do edificio que estavam acima do pavimento da rua, a altura precisa para que não podesse ver-se o que lá dentro se passava, estão agora de modo que tudo será patente e feito com a amavel colaboração da gaitada, que abunda por aquelles sitios. Teremos então o professor preleccionando á maneira dos medievaes pedagogos, que o faziam nas praças publicas.

Os alumnos, pela sua maior parte, dividirão a sua attenção entre os beduínos a sua attenção entre os beduínos da rua querirão tomar parte na lição e o professor que inutilmente os chamará á ordem. Deve concordar-se que a camaradagem não será nada lisongeira e os chefes de familia verão em risco o dinheiro gasto e o tempo assim passado.

A elevação de mais 60 a 70 centimetros, no pavimento junto do lyceu, tapou inteiramente os ventiladores da chamada — caixa d'ar — dos compartimentos a nascente. Este facto por si basta para condemnar toda a bella obra que a camara alli mandou fazer.

O lyceu que até hoje não peca-va por excesso de pé direito nem

primava por alçada esthetica, fica agora enterrado no monturo que a vereação alli mandou levantar. O aterro foi feito de tal modo que as aguas pluvias não se dividem como seria ordinario em qualquer obra d'aquelle genero; correm em torrente pelo lado do lyceu e vão ameaçar as edificações a poente. A camara ignora que as aguas pluvias, não sendo desviadas, se infiltrarão no pavimento inferior do lyceu e como não haverá ventilação de caves o ar apodrecido e miasmático irá infectar o ambiente superior, no meio do qual os pobres rapazes, victimas d'esta ignara resolução, terão de viver dias inteiros.

O lyceu comquanto não tivesse alçado magestoso, não deixava na sua construcção de se ter attendido aos preceitos hygienicos que a sciencia recommenda. Com este acto de incapacidade administrativa, fica em pessimas condições. Mal se comprehende, que estando a sua construcção a cargo da direcção das obras publicas do districto, o sr. director das mesmas não tenha intervido, obstando a tal demencia vergonhosa. Qual foi o fim a que visou a camara neste disparate? Só podemos descortinar um. E' elle o querer com o levantamento da rua, occultar a barbaridade praticada com o enorme alçado ou cota dada ao edificio da escola districtal.

Pois fique a camara certa que não largaremos mão do assumpto, enquanto não der satisfação aos municipios vexados por tal disparate, mandando levantar todas as terras amontoadas em frente do lyceu.

Guy.

ECHOS

Com a appproximação do inverno, mais a vida politica portugueza se convulsiona e agita. E como é hoje a politica, em Portugal, que tudo asoberba; como é d'ella que depende o futuro da Patria e a nossa situação de povo independente e livre, é n'este campo tambem que os nossos leitores de longe teem de procurar as mais importantes noticias da sua e nossa terra.

Como já tinhamos deixado prever, o governo, em um decreto assignado pelo rei, acaba de determinar que se não façam as eleições municipaes. Foi o ultimo golpe nas instituições liberaes portuguezas, que nos tornaram grandes e respeitados entre as outras nações da Europa, n'aquellas mesmas instituições seculares que o povo portuguez sempre defendeu, combatendo e morrendo por ellas.

Foi o ultimo golpe. Mas parece ser tambem, é certo, a mortalha inevitavel para essa desgraçada aventura de um governo que para ali tem arrastado a vida, fora da Constituição do Reino, agitando e emprestando moralmente não só o paiz inteiro, mas levando até a discordia e o odio a portuguezes que, longe da Patria, só tinham até agora seguido uma politica: a de bem sevir a mesma Patria, sem olhar a governos nem a partidos, a homens ou a idéas.

O novo golpe contra o paiz e contra oCodigo Administrativo da Nação, maguou-nos como portuguezes, que sempre tiveram o culto da Ordem e da Liberdade, e revoltou-nos como cidadãos, que desejam viver em uma nação respeitada e livre.

Mas, n'essa magua e n'essa revolta, houve tambem uma suprema consolação. O governo, que para o estrangeiro manda dizer que tem o seu lado o paiz, recuou perant-

te as eleições dos municípios, em todo o reino, porque em todo elle seria derrotado e repudiado. Isto é, o governo fugiu e recuou perante a vontade do povo, que o condemnou, e do paiz, que o sacode.

Prova-se, assim, que podem as energias da alma nacional estar n'uma expectativa paciente, mas que se levantam, nobremente e patrioticamente, quando mais fundo as querem ferir.

Essa, a nossa consolação. Essa, a nossa esperança na redempção da terra em que nascemos.

Confirma-se um boato, ha dias espalhado. O governo, esquecendo-se de que o sr. João Franco fez parte dos governos anteriores que, segundo elle, mais esbanjaram, propala também que subiu ao poder para inavugar o reino da Virtude.

Mas o homem varia e a carne é fraca. Esquecendo ainda tudo isso, andou agora atrás ora de um ora de outro d'esses partidos, solicitando um accordo para poder fazer eleições municipais e eleições de deputados. Encarregou-se de ser intermediaria do pedido uma alta personagem, a quem, segundo parece, nada podia ser negado. Mas, assim mesmo, os partidos negaram-se, pelo menos até agora. Conta-se até que um dos chefes procurados, terminou a sua recusa, com uma phrase já usadissima:

—Tudo, menos isso! Com o sr. João Franco, nem para o céu...

Moralidade do caso: o governo manda dizer para o estrangeiro que os partidos são a fome, a peste a guerra... Mas, volta e meia, anda a mendigar accôrds aos mesmos partidos.

Valha-nos Deus!

AINDA VERDADES

E' quasi desnecessaria a minha réplica ao sr. Arruda, mas obrigame a lealdade a que, ignorando a existencia do livro das Coplas del' rei D. Duarte, confesse o meu erro. A litteratura official (entendo por litteratura official a que se estuda nos lyceus) não se refere a elle, apesar de numa das notas nos dizer que em um dos livros de Oliv. Martins vêem enumeradas mais obras do rei escriptor. Porém, sabendo agora que D. Duarte, segundo nos diz Theophilo Braga, na Hist. da Poe. Portuguesa, escreveu um livro de Coplas, o ultimo dos nossos trovadores provençaes e que infelizmente se perdeu, já não ousa achar incompatibilidades entre as musas e os cavallos. Mas o sr. Arruda é d'uma ingenuidade talvez infantil querendo attribuir a erro de imprensa isto: «que a Arte de Cavalgar—essa obra de primor que se não abriu as portas da Academia a D. Diniz é porque na primeira época dynastica, etc...» Admitte-se que os srs. typographos, levados por habitos antigos, baralhassem os d e e onde estava Duarte pözessém Diniz. Mas neste caso, peor a emenda do que o soneto, o sr. Arruda vinha dizer-nos que D. Duarte pertencera á primeira época dynastica—o que ultrapassando os dominios da instrucção primaria entra nos dominios da palmatoria. Naturalmente baralharam-se também as épocas dynasticas e, onde se tinha escripto segunda, os srs. typographos que também sabem historia e para serem logicos, collocaram primeira. Seria uma felicidade que elles conseguissem baralhar a dynastia actual.

Quanto ao Cavallo Pégaso, que parece symbolisar a navegação e que relacionam com as musas porque diziam que as aguas que brotavam dos seus pés tinham o condão de inspirar, não é mais que um mytho e mytho, segundo Garret «é uma palavra que hoje se mette em tudo e com que se explica tudo... quanto se não sabe explicar».

Isto sem pieguice, nem amuo, vivendo longe da Fonte de Castalia e sem me condecorar com o crachá de poeta, o qual dito crachá não passa de um grosseiro galicismo.

Faro, 20-10-1907.

Jayme Cunha.

OS QUE MORREM

José Bernardo da Cruz Vizetto

Pela 1 hora da tarde de quarta-feira ultima falleceu em casa de seu sogro sr. dr. Joaquim do Nascimento Trindade, o tenente de infantaria 4. sr. José Bernardo da Cruz Vizetto. Sua esposa D. Maria Trindade Vizetto fallecera Mares mezes antes e essa morte, angustiado-o, aggravara-lhe a enfermidade cardiaca de que desde ha muito vinha soffrendo e a que succumbiu na tarde de quarta-feira ultima.

Muito novo, muito modesto e sobretudo d'uma extrema e inextinguível bondade, soube sempre deixar fundas raizes de sympathia no coração de todos com quem viveu e o seu testamento, um dos mais lindos testamentos feitos na nossa terra, friza bem o quilate d'aquelle coração que nunca conheceu odios ou malquerenças e que antes parecia sempre desfeito n'um eterno sorriso de bondade.

Por tudo isto a sua morte, entre a sua familia, os seus camaradas e os seus patricios deixou um grande sentimento de pesar.

O enterro realiso-se na tarde de quinta-feira, de casa do sr. dr. Joaquim Trindade para o cemiterio do Carmo.

Da egreja para o cemiterio pegaram ás borlas do caixão os srs. maiores Braziel e Cansado, capitães Cunha, Cesar Ribeiro e Aguiar, capitão do porto Carlos d'Almeida Pereira e tenentes Gama Pinto e Franco. Da porta do cemiterio para o jazigo: sargento ajudante Guimarães, 1.º sargento Serpa, José Joaquim, Balthasar, Mendes, Conceição e Neves e 2.º sargento Faria.

Conduziu a chave do caixão o coronel sr. Francisco dos Anjos Marinho.

Sobre o athaude foram depostas 7 corôas e 1 bouquet.

Uma de rosas, lilazes, dhalias e myosotis, com largas fitas de seda roxa e a seguinte inscripção a ouro: ao benemerito José Bernardo da Cruz Vizetto — A meza da Santa Casa da Misericordia de Tavira.

Outra de glycinias, dhalias e lyrios, com larga fita de seda roxa e a seguinte inscripção: Ao benemerito José Bernardo da Cruz Vizetto — A meza do Hospital do Espirito Santo de Tavira.

Outra de violetas, glycinias e rosas diversas, com fita de seda branca e a seguinte inscripção: Ao seu saudoso camarada José Bernardo da Cruz Vizetto — Os officiaes do regimento de infantaria 4.

Das restantes não conseguimos tomar nota.

Desde as 8 horas da noite de quarta até á hora do funeral no dia immediato o corpo foi vellado por turnos de officiaes superiores e inferiores de infantaria 4. O major Braziel representou no funeral o major do 3.º batalhão de infantaria 4 sr. Corte Real e o sargento ajudante Guimarães representou os officiaes inferiores d'aquelle batalhão.

A familia offereceu ao regimento de infantaria 4 a espada e a barretina do fallecido.

O fallecido deixou testamento, feito ainda em vida de sua esposa.

Deixa como lembrança a cada um dos seus sobrinhos José e Maria, filhos de sua irmã Laura uma inscripção do valor nominal de 1.000.000 réis, deixa a seu sobrinho Antonio, filho de seu cunhado Joaquim Trindade, o seu relógio de ouro e respectiva corrente, a acção que possui da companhia pescarias do Algarve e 2 accções da Companhia de Moagens Taviense.

Estes legados são livres de despesa de transmissão ou quaesquer outras.

Se existisse sua esposa, ficava todo a restante fortuna para ella.

Não existindo quiz que a referida fortuna fosse dividida em 2 quinhões eguaes, pelo Hospital Civil e Misericordia d'esta cidade, com a obrigação, para este ultimo, de empregar a importancia do legado em melhoramentos no Albergue, adaptando-o, se possivel for, tam-

bema Asylo d'invalidos. Caso o não possa ou não queira fazer, no prazo de 2 annos depois do apuramento de contas, reverterá o mesmo legado a beneficio do Hospital.



O commandante e officiaes do regimento de infantaria n.º 4, mandam resar na Egreja da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade pelas onze horas da manhã do dia 30 do corrente uma missa suffragando a alma do seu desditoso camarada o tenente José Bernardo da Cruz Vizetto, e convidam por este meio os seus parentes, amigos e pessoas das suas relações a honrarem este acto com a sua presença o que desde já agradece.

DE RASPÃO

Resposta ao numero 1311 do Heraldo

Ainda que inopportunamente consentir-me-hão que faça algumas reflexões que me parecem justas, suscitadas por esta polemicinha. Alguem, decerto mal intencionado, julga ver nos meus artigos sómente a vaidade, e vaidade perigosa, de querer figurar, de ver o nome em letra redonda num jornal, como se isso fôra alguma coisa de merecimento, a consagração dum talento que não existe, ou duma sciencia vã e apparatusa. E' natural que assim pensem. Num meio em que todos se andam a macaquear, em que o não ter ideias é um titulo que nobilita e a leitura um officio que rebaixa, deve necessariamente estar afastado delle e ser considerado como um tolo aquelle que uma vez teve a ousadia de afirmar um principio que briga com o modo geral de pensar. Ha um padrão por onde se deve aferir todas as intelligencias, uma medida certa para toda a sabedoria. A consideração não se alcança pelo trabalho, obtem-se pela gravata, pelas luvas, pelo namoro.

O merito reconhece-se unicamente pelas cartas de exame que trazem a marca official do «distincto». Se apparece alguém que diga bem de um fulano, logo uma legião enorme, sem consciencia, repete a mesma cantilena. E é por este processo que se ouve por toda a parte, nos centros politicos, nos clubs, nas lojas, nos passeios, as mesmas discussões com os mesmos gestos demosthenicos, a exaltação balôfa de quem ignora o que afirma. Homens serios, burguezes pacatos que socegradamente lêem o jornal partidario, semi-deuses caídos do Olympo, que ninguém se atreva a incommoda-los, atirando-lhes, como uma bola de papel uma ideia que se não conforma com a sua.

Neste aviltamento moral o reagir é levantar inimidades, crear invejas e ter como recompensa o qualificativo bem significante de «vaidoso». Mas os que assim pensam, na verdade, teem razão. Boas creaturas no fundo, o espirito tancando não lhes dá para mais. A sciencia barata de jornal lhes basta. Por elle aferem a bitôla e se julgam aptos para conselheiros, deputados e até ministros, e, não podendo ser nada destas coisas, tornam-se criticos em vez de fazerem colheres, o que seria mais rendoso e utilitario. Respeitemo-los, pois, os illustres intellectuaes, leitores assíduos do Penso de Terrail e Emille Richebourg. E, quando elles na sua reconhecida infalibilidade opinarem sobre qualquer assumpto, demo-lhes sempre razão e poderemos ser um dia regedor de parochia. Se me alcinharem ainda de vaidoso, desculpem-me, porque, segundo a classificação pathologica do amigo Callixto, isto não passa de «curiosidade doentia e nevrose». Rematando, servir-me-hei da divisa da Jarreteira: *Honni soit qui mal y pense*.

E-me impossivel analysar detidamente nas columnas de um jornal a sua inspirada réplica. Tocarei, pois, só nos pontos principaes

deixando á apreciação do leitor os de somenos importancia. Não tento convencer ninguem, mas custamente todavia que por falta de estudo, ou por outra qualquer razão, se não diga o que mais se parece com a verdade.

Quando disse que Christo não tinha exigido os dogmas e as missas, etc... eu não fazia uma affirmacão gratuita. Senão leia Ernesto Renan: (V. de Jesus, pag. 38) Jesus não foi um theologo, um philosopho que tivesse um systema mais ou menos bem combinado. Para ser discipulo não era preciso assignar formularios, nem pronunciar profissão de fé. Bastava segui-lo e ama-lo. E mais abaixo: «não teve dogmas, nem systemas». Os judeus, condemnando-o, não praticaram um crime desde que o julgavam um «revolucionario exaltado» levando a traz da palavra arrebatadora as multidões, principalmente as da camada mais baixa.

Se elles o olhassem como filho de Deus nenhum lhe tocaria, porque ninguem deseja inultamente malquistar-se com a Divindade e Christo ver-se-hia em serios embargos para «completar a Lei».

E, para o povo que sente a necessidade de ver nos grandes acontecimentos alguma coisa de maravilhoso e divino, a vida d'este homem justo foi o que mais lhe feriu a sua imaginação viva. Os judeus, crucificando-o, deram nos o maior heroe da humanidade. Christo, julgando-se filho de Deus não mentia aos que o seguiam. Para assim succeder, era necessario que descesse á condicção de homem vulgar, isto é, semelhante aos demais. Mas, não. E elle intitulava-se Messias, prometia recompensas e fallava das bemaventuranças de uma vida futura. Segundo a critica historica, Christo é pois um justo. As leis da coherencia não obrigam a reconhecermos-lhe a Divindade unicamente porque a lenda encantadora da sua vida o divinisa.

(Conclua no proximo numero).

Jayme Cunha

DR. ANTONIO FRANCISCO DE SOUSA

Acompanhado de sua esposa e filhinhos regressou na quinta-feira a esta cidade o nosso estimado amigo sr. dr. Antonio Francisco de Sousa, distincto sub-delegado de saude n'este concelho.

FESTA ESCOLAR

Promovida por uma comissão composta dos srs. dr. Silvestre Falcão, prior Romão Antonio Vaz, João Fernandes Cruz, prior Santos Silva e Arthur Neves Raphael, também n'esta cidade se effectou no domingo a festa escolar, e muitos nos aprez dizer que ella decorreu de forma a deixar uma funda impressão de agrado e sympathia em toda a assistencia.

Foi promotora, como dissemos, a comissão já indicada e todos os que a constituíam são dignos de caloroso applauso pela sua boa vontade de contribuir quanto possivel para o bom exito do festival; permitta-se-nos, porém, especialisar o nome do prior Romão Antonio Vaz, que sabemos ter sido o principal e mais esforçado coopecador nos trabalhos preparativos da festa, dirigindo-os de modo a obter-se o excellento resultado que se obteve e que foi o de ter decorrido todo o acto festivo sem um só incidente desagradavel que maculasse a correcção e brilho de que elle se revestiu.

Tambem as quatro professoras officiaes contribuíram muito para este bom resultado, e já agora, que estamos indicando os elementos que na organização d'esta festa merecem registro especial de deferencia, indiquemos tambem o nome do dr. Fructuoso da Silva, que deu todo o valioso continente da sua tempera artistica e Eduardo Magalhães o distincto violinista que se prestou a abrilhantar a festa com o seu peregrino talento musical.

A festa escolar realiso-se no edificio do theatro Taviense, que amavelmente foi cedido pelos seus proprietarios.

Pouco depois do meio dia já n'aquelle edificio se achavam todas as

creanças das quatro escolas officiaes da cidade, com as respectivas professoras, e muito povo, que se distribuía pela platêa e camarotes, notando-se n'estas algumas auctoridades civis e militares e muitas senhoras com elegantissimas toilettes. Estavam tambem todas as asyadas do Asylo de Infancia Desvalida, com as suas respectivas professoras.

O theatro estava caprichosamente ornamentado, predominando na decoração, entre garridos ramalhetes de flores, riquissimas colgaduras. A sala, com todo este conjunto, offerecia um encantador e surpreendente aspecto, que cresceu de effeito esplendoroso quando, ao subir o panno, surgiram no palco aquellas cento e tantas creanças das escolas, com os seus melhores trajos e os seus melhores sorrisos.

O programma foi iniciado pelo hymno das escolas, letra do conde Monsaraz, cantado alternadamente por alguns meninos e meninas e repetido em côro por todas as outras creanças. O hymno foi acompanhado a grande orchestra dirigida pelo dr. Fructuoso da Silva.

Acabado o hymno usou da palavra o dr. Silvestre Falcão, presidente da commissão promotora. Falou muito da instrucção, dizendo constituía ella a felicidade de todos os povos e por estar convicto d'isso nunca recusava a sua coopeeração em actos como aquelle a que assistia, feitos em prol da causa da instrucção. Toda a creança que aprendia a ler cumpria assim o seu primeiro dever civico. Falou depois largamente no sentido de demonstrar que a instrucção é que fez vencer os allemães na guerra franco-prussiana de 1879, e os japonezes na sua recente guerra com a Russia. Referiu-se á Suissa, o pequeno paiz que dava lições de civismo á propria Europa, e isso sem duvida pelo numero extraordinario das suas escolas. Finalmente, comparou Portugal com estas nações apontadas, fazendo referencias varias, verdadeiras e certo, mas talvez politicas de mais para aquella festa de creanças. Terminou por um caloroso appello ás mães, no sentido de que a luz da instrucção se derrame o mais possivel pelos cerebros de seus filhos.

Depois Eduardo Magalhães executou dois solos de violino, com o acompanhamento de piano pelo sr. Fructuoso, sendo muito applaudido.

Uma creança recitou depois uma poesia allusiva ás escolas e uma outra recitou um monologo, tendo ambas agradado muito e sendo, por isso, muito applaudidos.

Procedeu-se depois á distribuição de premios enviados pelo governo aos alumnos que se distinguiram e por todas as outras creanças brindes offerecidos á commissão pelo sr. José Maria dos Santos.

Terminou a festa com a repetição do hymno das escolas.

TYPOGRAPHO

Precisa-se um, habilitado para obras ou jornaes na typographia Burocatica. Carta a José Maria dos Santos.—Tavira.

Apeadeiro da Porta Nova

Começam amanhã os trabalhos de construcção do apeadeiro da Porta Nova, que desde ha muito se reclamava.

Antonio Bernardo da Cruz

Esteve hontem n'esta cidade o sr. Antonio Bernardo da Cruz, nosso confrade do Districto de Faro.

NOTICIAS PESSOAS

Fazem annos:

Hoje, 22.—D. Luiza Ellesbão Mimoso.

Segunda, 28.—Damião de Brito Vasconcellos.

Quinta, 34.—D. Maria do Sacramento Santos.

Conselheiro Arthur Alberto de Campos Henriques.

General Pedro Nolasco Vieira Pimentel, Theodoro José Neves Raphael, João Braz de Campos.

Sexta, 1.—Marçal dos Santos.

Sabbado, 2.—D. Bertha Reis.

Retiraram: para Beja, o sr. Alfredo Padinha.

para Lisboa, o sr. Eduardo Magalhães.

Acompanhado de sua familia partiu na quarta-feira para Lisboa o sr. José Antonio da Silva.

Eterna divergencia?

Tambem o sr. Proença está enganado quando assevera que é crente por conveniencia e interesse. Não duvido que haja pessoas d'estes sentimentos, porque sempre tem existido hypocritas, mas um facto particular não pode arvorar-se em regra geral. Alem d'isso em muitos casos tal interesse ou conveniencia não apparece. Mesmo entre a classe sacerdotal, no nosso paiz, ha quem viva na mais negra miseria, como é sabido por toda a gente. E para nos convencer-mos d'isto, não é preciso ir muito longe, não se torna mister até sahir do Algarve, apesar de ser esta diocese uma d'aquelles, onde o padre vive mais desafogadamente, na generalidade.

Se houve alguns livre pensadores, que morreram victimas das suas idéas, que milhões de martyres não deram a vida pela fé em Christo? Estes, ao menos, não tinham em vista o interesse material, estou bem convencido d'isso. Os missionarios, que, ainda nos nossos tempos, sacrificam a saude e a vida nos inhospitos sertões da Africa, esses benemeritos, que se dedicam á tarefa ardua da civilização dos negros, arrancando-os das trevas da ignorancia e esclarecendo-os com a luz do Evangelho, creio tambem que são sinceros. Os irmãos de S. João de Deus, que andam a pedir esmola para o tratamento de doidos e que, em paga da sua abnegação, recebem muitas vezes o insulto e até a aggressão physica, não são crentes por calculo.

Alem d'estes, podia citar muitos outros, mas não quero alongar demasiadamente estas considerações. A proposito da divindade de Christo, depois das judiciosas reflexões feitas pelo meu amigo Callixto Novato, julgo desnecessario insistir em provar a sua verdade.

Christo affirmou preremptoriamente que era Deus, em varias occasões, sendo uma d'ellas em frente de Caifaz. D'esta vez não foi evidentemente para lisongear a superstição do povo, que estava levantado contra Elle e, d'ahi a pouco, havia de pedir em altos berros a Sua crucificação. Não é licito pôr em duvida a sinceridade de Christo, que tinha podido desafiar os Seus inimigos a que o arguissem d'um só peccado. Um homem de tamanha estatura moral, não mente. Se não mentia era Deus e ahi está a Sua obra para attestar a verdade de Suas palavras. Um pobre crucificado, isto é, um homem que foi condemnado á morte mais vergonhosa, ao supplicio proprio dos ladrões e homicidas, consegue fazer-se adorar por milhões de fieis, promptos a dar a vida por Elle, como muitos fizeram, e estabelece uma religião, que ainda hoje dura e se acha espalhada por todo o mundo!

E como obteve Elle este triumpho pela força, pela sciencia humana, lisongear os baixos instinctos e as paixões vis do homem? Não! Sem exercitos, sem sabedoria, fazendo guerra implacavel a todos os vicios e pregando as mais difficéis e sublimes virtudes, doze rudes pescadores converteram a terra para o seu Mestre, para o Judeu Crucificado, e esta victoria, como ainda não houve outra igual, não foi momentanea, transitoria, mas deu como resultado o estabelecimento d'uma vasta sociedade: a religião catholica, que conta hoje no seu seio mais de 300.000.000 de fieis.

Não é este o mais fulminante argumento para provar a divindade de Christo, mesmo exposto com a minha incompetencia?

Qual foi o sabio, o litterato ou o guerreiro, que conseguiu um triumpho d'esta ordem, ainda que, para isso, empregasse todas as luzes da sua sciencia, todo o esplendor do seu genio ou a enorme potencia dos seus exercitos?

Aqui tem logar a celebre phrase de Tertulliano, cujo sentido muitos adulteram para provar que a fé é inimiga da sciencia: «Credo quia absurdum.» Sim, diz o verdadeiro crente, eu presto o assenso firmissimo da minha intelligencia á di-

vindade de Christo, porque, se o não prestasse, ficava para mim inexplicavel o estabelecimento do Christianismo, contrario a todas as leis historicas e racionais e, portanto, absurdo. Se eu não posso negar a existencia da religião christã, tambem não posso negar a divindade de Christo!

Para não tomar mais espaço, vou terminar, mas, antes d'isso, desejo accentuar que o motivo que me levou a escrever não foi outro senão o amor da verdade, alem da vontade de ser util ao sr. Raul Proença, que se confessa bem intencionado e sincero. Espirito de contradicção ou vaidade, não inspirou este artigo. Não conheço pessoalmente o sr. Raul Proença e não lhe consagro odio pelo facto de professar ideias oppostas ás minhas.

Tenho sempre presente ao espirito aquella maxima tão racional e christã de S. Agostinho: «Amar os homens e combater os erros.» Tambem não estou possuido da ridicula vaidade e da estulta pretensão de ser guindado, pelo meu pobre e desvalioso artigo, ao pinaculo da celebridade e da gloria.

Como sou sincero na minha crença e o sr. Raul Proença tambem é um sincero, lembrei-me de que, á vista das considerações que ahi ficam, se poria de accordo comigo e abraçaria a Verdade, que, mercê de Deus, me enche a alma de luz bendita e consoladora. Deixava então de ser eterna a divergencia entre nós e confirmar-se-ia o conhecido proverbio latino: *Similes cum similibus facile congregantur.* S.

ANTONIO CERQUEIRA

E

JOSÉ TEIXEIRA D'AZEVEDO

ADVOGADOS

Rua do Ouro, 149, 2.º

LISBOA

Livro muitissimo util

O distincto contabilista e professor de commercio sr. Magalhães Peixoto acaba de dar á luz da publicidade mais um livro a que deu o título—*Exercicios Praticos de Escripção Commercial*—Incluindo a exemplificação desenvolvida sobre a maneira de contabilizar as diversas constituições de capital em firmas individuaes e collectivas.

E' este o 8.º trabalho do sr. Peixoto, pois tambem está concluindo a 2.ª edição do 1.º volume das—*Lições Praticas de Calculo Commercial*.

Os livros d'este conceituado professor e publicista estão quasi todos esgotados.

A nova obra—*Exercicios Praticos de Escripção Commercial*—está delineada de forma a ser utilissima tanto a principiantes, como aos guarda-livros.

Um elegante volume em formato grande, nitidamente impresso em papel de 1.ª qualidade 700 réis.

A venda em todas as livrarias do reino, ilhas e Africa, e no Instituto Contabilista. Rua de S. Julião, 162, Lisboa.

MERCADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Amendoa coca...	1\$800	15 kilos
dura...	900	15 »
Alfarroba.....	800	60 »
Batata.....	600	15 kilos
Centeio.....	600	14 litros
Cevada.....	480	»
Chicharos.....	700	18 »
Favas.....	740	»
Feijão branco....	1\$300	»
raiado.....	1\$500	»
Grão.....	1\$200	»
Milho de regadio.	660	»
Milho de sequeiro.	640	»
Trigo broeiro....	700	14 »
Trigo rijo.....	740	»
Sal.....	60	»
Azeite.....	1\$600	10 litros
Aguardente.....	1\$800	»
Vinagre.....	300	»
Vinho.....	650	»

Turbulencias de creança

Versos recitados pelo alumno da segunda classe, João Pedro Soares, de sete annos de idade, na festa escolar da Luz de Tavira, e dedicados ao meu respeitavel Sub-inspector, o Ill.º e Ex.º Sr. Joaquim José da Trindade

Nós somos muito traguinas,
Bulhentos até não mais;
Fazemos o que não gostam
Professores, mães e paes.

Mas, senhoras e senhores,
Olhem para a nossa idade,
Que faremos que se diga
Isto é feito por maldade?

Nós estamos convencidos
De que isso em nós não existe.
Fazemos, dizemos coisas...
Sem maldade, mas com chiste!

Certo dia lá na escola
Estava um collega a ler;
Sem querer pinte-lhe a cara
Com a tinta de escrever.

Outro dia eramos cinco
Sentados n'um banco a par,
Joguei-me muito p'ra traz...
Trilha... todos a espernear!

E quando veio um pretinho
Sentar-se junto de mim?
Não podia olhar para elle
Sem provocar-me um «atchim»!

E d'outra vez que eu troçava
Um trapezio de desenho,
Não me saiu um boneco
Com roupagem de serrenho?

Sem eu ver me entrou na boca
Offerta de companheiro;
Quasi a triquei, se mastigo...
Era um... ratinho toupeiro!

Estas e outras peripicias
Turbulencias de creanças,
Sejamos rapazes serios
Senão faremos asneira.

E sejamos diligentes
Nos trabalhos escolares;
Respeitemos professores
E as escolas, como altares.

Porque o castigo é bem justo
Em maus discip'los. Pois não?
Bom portel vos aconselha
O vosso collega João.

Luz, 16-10-1907

R. J. Lagóas.

Aos lavradores

As prolongadas seccas nos ultimos annos, as anormaes alterações da temperatura dos ultimos tempos e em todas as epochas e a natural falta de pastagens e alimentos verdes para todo o gado em bastantes mezes do anno—são inconvenientes tão apouquentadores dos creadores, que apontar-lhes um remedio é prestar-lhes um bom serviço.

Ora já não ha duvida de que a ensilagem supre vantajosamente aquellas faltas—de que não fica mais cara do que os alimentos secos—de que se conserva de modo e por forma que está sempre prompta para a alimentação e, finalmente—de que está ao alcance de todos—senão em grande escala, em modesta experiencia pelo menos.

Os silos tanto podem ser pequenas barricas, como altas torres e de todos os materiais de construção: de tijolo, de alvenaria, de madeira, de aduella, de cimento armado, de madeira e papel, enfim, até se podem aproveitar pipas ou tuneis velhos, pias de pedra, tanques e pombaeos velhos.

Para os encher e armazenar assim o necessario para uma boa parte da alimentação do seu gado, o lavrador aproveita o que nas epochas de fartura lhe não serve para nada—até cardos bravos.

Como se faz e de que se pode fazer o silo, como se enche e como se aproveita a silagem—aprende-se na leitura de duas horas d'um livro que com o título *Ensilagem* se publicou ha pouco, traduzido de uma publicação americana. Não ha necessidade de engenheiro, mestre d'obras ou outro director—é ler e mandar executar.

Parece bem certo que enire nós aconterá com o silo e que aconteceu na America: foi adoptado sem a menor contestação.

BARRIS

Vende-se na praça de Tavira barris desde cinco litros a cem, por metade do preço, no dia 27 de outubro.

CARTA DE FARO

Tendo nós aqui muitas e repetidas vez manifestado a nossa magua, reflexo da magua geral, pela paralyisia que, durante um largo periodo, martyrisou as obras do novo edificio destinado ao lyceu, no Campo da Trindade, de extranhar seria que, agora que essa maleita findou, aqui não manifestassemos o nosso prazer e o nosso applauso, reflexo do prazer e do applauso, geraes, por tal successo.

O edificio onde presentemente o nosso primeiro estabelecimento escolar é installado, não satisfaz, todos os sabem e ninguém o occultta. A frequencia d'este lyceu aproxima-se, se não é igual, a alguns lyceus centraes. N'alguns annos transcurridos ella tem sido superior á de alguns. Seria, pois, um deshumanismo lamentavel, continuar internando por largos annos, ainda que por poucas horas no dia, algumas centenas de estudiosos n'um edificio, como ao presente, tão avesso á hygiene.

Prosigam, pois, e com a precisa actividade, as obras no novo edificio, do Campo da Trindade. Todos o desejam, como desejam que alguns senões, que n'elle se patenteiam, agora, que ainda é tempo, se remedeiem.

Mais, e com o nosso costumado desassombro, poderiam-os esmiuçar sobre o edificio. Porém, *malgré tout*, elle será em tudo e por tudo, preferivel ao existente, no largo da Sé. E lá diz o velho adagio que o povo embala:—*Do mal... o menos*.

—Como se ainda fosse grande o pequenino desafogo da sala de passagem e venda de bilhetes na estação do caminho de ferro nesta cidade, lá pespegaram agora com uma cantina. E que cantina! Não a ha mais linda, mais modelar em todo o orbe. Claro que, de modo algum, desejamos, com esta referencia, prejudicar a mulhersinha que da venda dos comes e bebes n'ella—ó rico mimo de cantina!—expostos, usufrue o seu pão quotidiano, mas sim frisar bem quanto aquelle mono atravanca o transitio, prejudicando o publico que paga, vendo a todo o momento irem reduzindo as suas pequenas garantias. Vejam e admirem aquella linda cantina.

Não a ha mais linda em todo o orbe! Nem só nós somos dessa opinião. Pelo visto, a administração dos caminhos de ferro, tambem está d'accordo.

Pois é pena!
—Com sua esposa e filho regressou da praia da Rocha a esta cidade o agronomo sr. José d'Almeida Coelho de Bivar.

—Tambem da praia de Monte Gordo regressou, com sua esposa e filhos, o sr. Alexandre de Figueiredo e Mello, commissario de policia.

—Está n'esta cidade, em serviço, o sr. Illydio Dias, inspector do Banco de Portugal.

—Para Coimbra e Lisboa, a proseguirem os seus labores escolares, partiram os academicos srs: Frederico Tavares Cortes, Justino de Bivar Weinholz, Antonio Miguel Galvão, Zacharias Guerreiro e irmão, Bernardino Reis, Eduardo Salter de Souza, Sebastião Falcão Ortigão, José Samóia Gil, Eduardo Soares, Accacio Calazans Duarte, José Bernardino Lopes, Ludovico Menezes, João Gyrão, Justino Cumanho, João Graciliano Barroso, Manoel de Sousa Coutinho, José Firmino Maria Franco, etc.

—A reassumir as funções do seu cargo, retirou para Budens, a professora sr.ª D. Maria João Correia Mesquita.

—Por motivo de serviço publico esteve n'este cidade, regressando na penultima segunda feira á capital o sr. Tavares Bello, inspector superior de fazenda.

Para Lisboa, no gozo de licença, partiu o agente do Banco de Portugal n'esta cidade sr. Luiz Vieira da Silva, que teve na gare uma affectuosa despedida.

SOMATOSE

NA CONVALESCENÇA

PUBLICAÇÕES RECEBDAS

O n.º 7 (vol. V) da *Revista Agronomica*, publicação da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal.

—Os n.ºs 110 e 111 de *A Saude*, revista mensal de tratamentos naturaes.

—O n.º 5 (serie 32ª) de *O Philarmónico Portuguez*, publicação de musicas originaes para philarmonicas.

—O n.º 10 (vol. 10) da *Revista de Infantaria*, mensario militar illustrado.

—O n.º 2 da *Folha de Annuncios*, semanario puramente annunciativo que a semana passada começou a publicar-se em Lagos sob a direcção dos nossos estimaveis amigos e patricios Arthur Galvão e Francisco José Ramos.

ESCOLAS PRIMARIAS

Acha-se á venda n'esta cidade o resumo da *Historia de Portugal* para o ensino do segundo grão nas escolas primarias, de que é autor o illustre professor do lyceu d'Aveiro sr. dr. Elias Fernandes Pereira.

E' um livro organizado de harmonia com os programmas officiaes, de uma exposição clara e linguagem accessivel a todos, merecendo por isso a preferencia em grande numero das escolas do paiz.

A venda em todas as cidades e villas do Algarve.

Em Tavira é depositario, José Maria dos Santos.

“Ilmos. Srs., Declaro
que reputo a Emulsão
de SCOTT um
magnifico
fortificante”

para as senhoras anemicas ou enfraquecidas por partos repetidos ou quaesquer outras doenças, e muito especialmente para aquellas que amamentam seus



fi lhos.”
(a) Rosa de Jesus Sá, parteira plenamente approvada pela Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Povoa de Varzim, 4 de Maio de 1906.

Fora a Emulsão de SCOTT, não ha outra que seja tão magnifico fortificante para as senhoras, em todas as crises,

porque não ha outra que seja feita dos mesmos materiais puros e intensamente nutritivos que os do processo aperfeiçoado de SCOTT. O preparado de SCOTT nunca incommoda nem o paladar nem o estomago. Antes augmenta e enriquece o leite, e faz com que a creança seja mais que nunca uma alegria.

Soffrereis uma decepção se esperardes os mesmos resultados das outras emulsões, que são sempre imitações da original Emulsão de SCOTT, e contém muitas vezes oleo inferior, e mesmo ás vezes oleo que não é de bacalhau. Por este motivo não podem produzir as mesmas sensações de conforto e fortaleza que resultam sempre

do uso da Emulsão de

Scott

NOTA: Apesar do Imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande.
AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mousinho da Silveira, 85, 1ª, Porto.

